

A LIBERDADE TEM MUITO QUE SE LHE DIGA

Quem é o professor Rodrigues Lapa?

Seria tremendamente difícil, e nós não nos arriscaríamos a tal, num desprezioso trabalho como o presente, descrever em poucas palavras o longo e valioso caminho político e histórico-cultural, percorrido por esta destacada figura da cultura portuguesa. Tornava-se portanto mais fácil obter da pessoa em questão a resposta para algumas interrogações que os portugueses certamente desejariam formular acerca de algumas passagens da actividade do professor, do político, do cidadão, e da sua opinião em relação a alguns dos problemas nacionais e da cultura portuguesa.

Assim, para os milhares de leitores de *Bairrada Popular*, aí ficam registadas as suas declarações:

B. P. — *Onde começou a sua actividade política? Foi director da Seara Nova. Pode recordar para os nossos leitores a sua passagem por lá, e qual a razão do seu afastamento?*

R.: — «Foi na *Seara Nova* e por mão do saudoso mestre e amigo, Luís da Câmara Reis, dela então director, que entrei na vida política, por altura da grande crise que antecedeu a instauração do regime fascista entre nós. Essa grande empresa que foi a *Seara Nova*, verdadeira universidade da Democracia, salvou a juventude portuguesa da tentação integralista, então poderosa, e preparou-a durante

várias décadas para a resistência contra o fascismo. Hoje, se existísse, (o que hoje por aí se publica não é digno de tal nome), teria uma grande missão a cumprir: a crítica construtiva e por vezes veemente, à maneira de um António Sérgio ou de um Raúl Proença, ao regime instalado depois de 25 de Abril e aos homens que o distorceram e traiçoearam.

Perguntam-me porque deixei de ser director da *Seara Nova*. O caso foi esclarecido numa carta publicada nos jornais pouco depois do 25 de Abril. A célula comunista nela existente comprou astuciosamente, à boa maneira capitalista, um volumoso lote de acções, que lhe permitiu empalmar a empresa e a revista. Hoje a prestigiosa tribuna de Sérgio, Cortesão e Proença, é um simples vertedouro do Partido Comunista Português e seus afins».

B. P. — *Parece haver no que diz acerca do P.C.P. um certo ressaibo de anticomunismo. Acha correcta essa posição?*

R.: — «Correctíssima, à luz da experiência pessoal e da crítica objectiva. Note que a minha animosidade contra o comunismo só tem que ver com o português e seus inspiradores. Já não penso o mesmo acerca do Partido Comunista Italiano, cujo secretário Enrico Berlinguer, acaba de dar uma lição de inteligência política e de patriotismo, apoiando o governo democrata-cristão de Andreotti: primeiro a Itália, depois o Partido. Isto seria inconcebível entre nós, onde existe um sujeito que considera a Rússia soviética o Sol da Terra, a cuja chama todos nos devemos aquecer até nos derretermos.

Outra coisa: quando se fala em comunismo, parece ignorar-se que há desde há muito um outro comunismo, não marxista, o dos anarquistas, cujo objectivo fundamental é a abolição do Estado e a defesa intransigente da liberdade individual. A verdadeira tradição do nosso operariado está nesse socialismo libertário e não no totalitarismo opressor.

Esse outro género de comunismo, fundado no princípio da autogestão, que consta já dos programas do socialismo português e francês, pode ser altamente promissor. Está a ser experimentado em larga escala na Jugoslávia: oxalá que resulte bem; porque estas coisas, como tudo o mais, querem-se experimentadas e por processos democráticos, para ver se servem ou não.»

B. P. — *Antes do 25 de Abril leccionava na Faculdade de Letras de Lisboa. Porque foi demitido pelo regime então vigente e qual a sua actividade no Brasil, país para onde emigrou?*

R.: — «A minha demissão de professor da Universidade, em 1935, deveu-se a tomadas de posição política e pedagógica contra «as tristezas e vergonhas» da época salazarista e contra os «profetas e salvadores» que ela nos tentava impingir; e, naturalmente, contra as Universidades, não poupando a de Coimbra, «essa grande aldeia que parecia ter monopolizado entre nós as iniciativas pedagógicas». Uma vez afastado da Universidade, dediquei-me ao jornalismo (director de *O Diabo*) e às investigações literárias (*Clássicos de Sá da Costa* e *Textos Literários da Seara Nova*); mas foi no Brasil que me realizei na dupla função de professor e de investigador. Nos anos que lá passei foram publicados 5 volumes, 4 dos quais esgotados de há muito. As minhas pesquisas abrangeram sobretudo o Setecentos político e cultural de Minas Gerais; e do esforço por mim realizado, que foi muito grande, por unir a docência à investigação, resultou a atribuição da medalha da Inconfidência Mineira, cujo patrono é Tiradentes, o herói da independência do Brasil, por quem sempre nutri a maior admiração. Fui receber essa medalha a 21 de Abril de 1974, na cidade de Ouro Preto. Agora, o nosso Governo distinguiu-me com outra condecoração do mesmo género. Às vezes pergunto a mim mesmo